

**"NEM NA MORTE MINHAVÓ SE VIU LIVRE DA SERVIDÃO": uma
análise de *Louças de Família* (2023) de Eliane Marques pelo viés da
subalternização das mulheres negras**

Viviane Alves Cunha¹
Lardson Bezerra da Silva Sousa²
Thaís Viegas de Pinho³

INTRODUÇÃO

Este estudo se debruça sobre a escrita de Eliane Marques, escritora, poetisa e tradutora brasileira, ganhadora do prêmio Açorianos por *e se alguém o pano* (2015), e prêmio Minuano por *O poço das marianas* (2021). Com o olhar voltado para *Louças de Família* (2023), obra ganhadora do prêmio São Paulo de Literatura, o terceiro romance publicado pela escritora. Sendo uma obra a qual a personagem principal, Cuandu, então narradora fluxa, submerge no ressentimento e na revolta pelos anos de escravidão e exploração negra. Esta personagem, expõe as violências, opressões e desumanização sofridas pelas mulheres de sua família, como uma herança passada de mãe para filha, onde todas foram subalternizadas em um sistema racista e opressor. Tudo isso entregue a partir de suas memórias, e das memórias de suas *ancestras*⁴, em um processo íntimo de rememoração.

Sendo assim, o presente estudo tem como objetivo discorrer sobre a subalternização das mulheres negras, a partir das personagens femininas da obra, tendo em vista o racismo como um agravante que as banaliza. A princípio, nos debruçaremos na noção de subalternidade por meio da percepção exposta por Spivak (2010), a qual entende que tudo aquilo que não se encaixa nesse modelo essencial teórico ocidental, é o outro, ou seja, aquilo que foge dessa representação estabelecida sobre o interlocutor elegível. O que Spivak propõe, é que não haja um interlocutor elegível, um representante que fala pelos subalternizados, mas que ele possa falar e ser ouvido a partir de suas necessidades, experiências e vivências.

¹ Graduanda do Curso de Letras Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, viviane.cunha@uemasul.edu.br;

² Graduado do Curso de Pedagogia Licenciatura da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, lardson.sousa@uemasul.edu.br;

³ Professora Substituta do Centro de Ciências Humanas, Sociais, Tecnológicas e Letras da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL. Graduada em Letras (2019), com Mestrado Interdisciplinar em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal do Maranhão (2022) com bolsa CAPES. Pesquisadora e membro do Grupo de Estudos de Paisagem em Literatura – GEPLIT, thaisa.pinho@uemasul.edu.br.

⁴ O termo “ancestras” refere-se a ancestrais mulheres que viveram antes de Cuandu, palavra carregada de memória, respeito e reconhecimento histórico da herança cultural e afetiva transmitida pelas mulheres de sua família.

Para então, direcionarmos o nosso olhar as mulheres da família de Cuandu e em como todas elas estão sujeitas a uma vida de serventia e subordinação. Dessa forma, recorreremos às discussões tecidas por Angela Davis em seu livro *Mulheres, Raça e Classe* (2016), a qual expõe os processos que influenciaram, e mudaram, de forma significativa os lugares e direitos das mulheres negras, desde o período escravocrata, até o avanço do sistema capitalista. No entanto, as heranças da escravidão ainda ressoam na vida de muitas, restando a elas condições de vida e trabalho que são norteadas pelo racismo e segregação social.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Este estudo consiste em uma pesquisa estritamente bibliográfica, o que segundo autores como Antonio Carlos Gil, a respeito desta metodologia, ela corresponde a “[...] um roteiro, entre outros, elaborado com base na experiência de seu autor, cotejada com a experiência de outros autores nesse campo.” (Gil, 2002, p.59). Ou seja, a pesquisa bibliográfica é elaborada a partir de outras fontes bibliográficas, coletando às experiências de outros pesquisadores com o tema. Sendo assim, realizamos, inicialmente, um levantamento de artigos científicos e livros que foram encontrados em revistas entre outros estudos.

A pesquisa bibliográfica pode, portanto, ser entendida como um processo que envolve as etapas: a) escolha do tema; b) levantamento bibliográfico preliminar; c) formulação do problema; d) elaboração do plano provisório de assunto; e) busca das fontes; f) leitura do material; g) fichamento; h) organização lógica do assunto; e i) redação do texto. (Gil, 2002, p.59)

Ou seja, o levantamento bibliográfico é de suma importância para a estruturação do aporte teórico de toda pesquisa, pois é a base que fundamenta a análise realizada a partir de outros escritos. Sendo assim, após o levantamento, a pesquisa seguiu para a leitura e fichamento dos estudos de autores como Cuti (2010), Davis (2016), e Spivak (2010) que nos levaram a uma melhor compreensão dos aspectos analisados na obra *Louças de família* (2024).

A partir do fichamento, foi possível discorrer sobre a subalternização das mulheres negras, o racismo e o descarte da vida. A metodologia do resumo expandido deverá apresentar os caminhos metodológicos e uso de ferramentas, técnicas de pesquisa e de instrumentos para coleta de dados, informar, quando for pertinente, sobre a aprovação em comissões de ética ou equivalente, e, sobre o direito de uso de imagens.

REFERENCIAL TEÓRICO

Pensamos a subalternização a partir de Spivak (2010), onde se trata da condição em que o sujeito, tornado essencial e que detém poder, condiciona um outro à subalternidade, ou seja, é o processo que marginaliza e inviabiliza o sujeito. Este essencial, formaliza o que é interno a si, unificando a sua internalidade, diferenciando-se ao que é externo (ou diferente). Esta forma

essencial, é posta por uma construção social, ocidental, colonizadora que oprime e até nega a existência deste outro. O sujeito subalterno, ou o sujeito subalternizado, é aquele que está fora do padrão essencial previsto, não possui voz, e quando a possui, esta não é ouvida. O essencialismo limita, estereotipa e condiciona o outro a subalternização, colonização, à periféricos e marginalizados da sociedade.

Spivak (2010), nos conduz a compreender que a origem da existência de um processo que condiciona o sujeito à subalternidade, está diretamente ligada à relação de poder. Com o fim do colonialismo em que pessoas negras, e de outras etnias, foram escravizadas e desumanizadas, surgiram outras formas de manutenção dessa relação de poder. A exemplo, a falta de garantias de direitos básicos, educação, respeito aos territórios e modos de vida, foi o que manteve a população negra na subalternidade, diaspóricos, sem lugar no mundo, sobrando a subserviência. O discurso eugênico produzidos, e reproduzidos, durante séculos convenceram as grandes massas.

Diante disso, os corpos femininos, ou que performa feminilidade, historicamente foram, e são, os corpos que frequentemente sofrem com a repressão e violência, seja ela epistêmica, ou física. Sendo assim, estes corpos viveram, ou ainda vivem, em constante servidão e em dominação masculina. Dominação essa que advém da construção de gênero (onde o ser do sexo masculino exerceu domínio sobre o ser do sexo feminino), funcionando em uma construção sócio-histórica, a qual esta relação de poder possui bases no sistema capitalista patriarcal. Spivak (2010) leva em consideração a mulher, o sujeito subalternizado feminino, a partir de uma compreensão sobre a heterogeneidade, atinando a posição de cada uma, a partir de sua realidade e contexto.

Com isso, a mulher negra subalternizada, acaba por ser duplamente oprimida, levando em consideração os fatores de gênero, classe e raça. Esta combinação sistemática entre racismo, sexismo e escravização, coloca a mulher negra em uma posição subjugada, oprimida, violentada, silenciada e inviabilizada, ressoando ao nosso contexto. Para Cuti (2010), o racismo pode ser pensado da seguinte forma,

Um assaltante que invade a sua casa com armas possantes, mata familiares seus, estupra, transmite doença, rouba seus pertencentes, faz você trabalhar para ele, obedecer às suas ordens, esse assaltante pode, se ele for fisicamente diferente de você, atribuir a essas diferenças a superioridade em relação a você, acreditar nisso e fazer até você crer nos argumentos dele, e ele pode também escrever livros e mais livros, produzir filmes e mais filmes, e ensinar para gerações e gerações, por vários meios, que você é inferior e ele é superior a você por conta das diferenças fenotípicas. Racismo é isso (Cuti, 2010, p. 2)

Nesse sentido, essa explicação de Cuti consiste em afirmar que o racismo é uma criação, uma construção histórica ideológica que visa manter a posição de privilégio e poder sobre o

outro, ela opera de forma bruta e violenta, fazendo parte de um sistema de dominação que criam narrativas estruturantes que prevalecem como sendo comuns, a desconstrução desse fato exige um trabalho crítico e consciente que reeduca toda uma sociedade em um processo lento de transformação social, cultural e político.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da pesquisa evidenciam que hoje, o modelo de escravidão da era colonial se modernizou, adaptou-se aos sistemas capitalistas, neles as mulheres negras ainda ocupam os papéis de servidão com baixos salários, condições de trabalho precarizadas e desumanas, migrando das senzalas, às favelas e casas de família. As cicatrizes incuráveis da escravidão se perpetuam no legado da subalternização e do racismo, seja ele estrutural, epistêmico ou cotidiano. Vemos isso na obra *Louças de Família* (2023), onde Cuandu denuncia a servidão vivida e herdada por suas ancestras, que foram condicionadas a servirem e a serem domésticas das casas de família.

Vejamos a obra:

Nem na morte minhavó se viu livre de servidão [...] Minhavó nunca foi governanta de nada nem de ninguém, nem de si própria. Apenas servia os cunã sem salário sem carteira de trabalho assinada. Foi para agradarem a si próprios que a colocaram no lugar de governanta, ela que não passava de criada doméstica, mulher do povo dos derrotados, como sabina (Marques, 2023, p. 230)

A avó de Cuandu não era escravizada, mas a subalternização lhe condicionou a um destino de servidão. Segundo Angela Davis, em *Mulheres, Raça e Classe* (2016), o processo de escravização se disfarça de emprego doméstico, o que é possível reconhecer estes aspectos tanto pela relação da tia Eluma com a casa de família, bem como das outras mulheres pertencentes a família de Cuandu.

Para a personagem/narradora, as estruturas que prendem e aprisionam as mulheres de sua família na mid-century, são as mesmas do período escravocrata “Uma mulher negra jamais poderá ser livre entre a gente branca [...]. O nosso corpo é uma prisão sem portas.” (Marques, 2023, p.62). E em Davis (2016) vemos que a evolução do trabalho doméstico se deu pela naturalização das mulheres no ambiente familiar como donas de casa. E no caso das mulheres negras, esse papel foi muito mais condicionado. Por meio de Cuandu percebemos a banalização das mulheres de sua família, a vida de uma mulher negra ainda é coisificada:

[...] tia Eluma, Carmen, tia Malvina, levadas de arrasto pelos oyinbo da cidade com nome de liberdade para o paraíso de ponta. Elas deveriam estar preparando o almoço ou limpando os banheiros ou as bundas das crianças quando ele visitou as gentes das casas de família que lá veraneavam. (Marques, 2023, p.143).

Segundo Kola Tubosun, um linguista nigeriano, a palavra “oyinbo” utilizada por Cuandu, tem sua origem da Nigéria da língua iorubá, refere-se a pessoas brancas ou do ocidente.

Esse termo é um tanto quanto discutido em relação ao seu sentido, mas dependendo da conotação usada, pode estar relacionada a um sentido ofensivo ou não, podendo até se referir a forma física ou cultural de uma pessoa.

Outro fato interessante, e até irônico, é que a cidade chamada *liberdade* não condiz com seu nome, pelo condicionamento da servidão e aprisionamento dessas mulheres que vivem servindo os oyinbo. Cuandu diz que, enquanto as gentes das casas de família veraneavam, ou seja, viviam as suas férias, desfrutavam do paraíso de ponta, as suas tias foram arrastadas para o paraíso de ponta para servir, evidenciando assim, a servidão dessas mulheres.

Servidão esta que já parecia estar naturalizada em Eluma, “[...] antes e depois de cumprir suas obrigações no terreiro, tia Eluma servia. Servia os patrões e o filho mais velho, deuses ciumentos exigentes egoístas, a quem deveria sempre ouvir interpretar e atender.” (Marques, 2023, p.105), ou seja, submissão que era diária e cotidiana, dedicadas aos patrões, filhos e até mesmo às crenças. Davis (2016) debate isso por meio do racismo e sexismo. Segundo ela,

As enervantes obrigações domésticas das mulheres em geral oferecem uma flagrante evidência do poder do sexismo. Devido à intrusão adicional do racismo, um vasto número de mulheres negras teve de cumprir as tarefas de sua própria casa e também os afazeres domésticos de outras mulheres. E com frequência as exigências do emprego na casa de uma mulher branca forçavam a trabalhadora doméstica a negligenciar sua própria casa e até mesmo suas crianças. (Davis, 2016, p.225).

Dessa forma, é evidente que o racismo promove o condicionamento das mulheres negras aos trabalhos domésticos, de forma estrutural e histórica. A servidão é o sintoma de um problema sanado, quando estas foram segregadas, restando-lhes dedicar as suas vidas ao trabalho nas casas de família. O quartinho de empregada é um símbolo não só da escravização por meio do trabalho doméstico, mas também do racismo. Quando voltamos o nosso olhar para personagens como tia Eluma, percebemos que a vida de mulheres negras, trabalhadoras domésticas são muitas vezes banalizadas.

Desde as primeiras palavras enlutadas de Cuandu "Sobrou isto de sua morte. As contas impagas. [...] O legado dessas contas me dói feito sapato de salto fino apertado.” (Marque, 2023, p.11). Por fim, o destino ainda foi o mesmo, o de Eluma, a falta de direitos básicos como a saúde e a negligência dos patrões. Sua vida parece valer muito pouco, e mesmo trabalhando por anos, não teve assistência, dignidade e nem tratamento mínimo. Este é o peso da subalternização, um silenciamento que encerra a vida, silencia a voz nunca ouvida, proferida e historicamente banalizada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista esta análise apresentada, foi possível pensar e debater o racismo e a subalternização das mulheres negras, através das personagens femininas de *Louças de Família*

(2023), principalmente aquelas que viveram toda uma vida condicionada as casas de família. O que nos leva a considerar que as estruturas que aprisionam as mulheres da família de Cuandu, estão pautadas em um racismo que é estrutural, como também nas heranças não tratadas deixadas pela escravidão.

No entanto, como porta voz dessa narrativa, Cuandu é a quebra do ciclo de silenciamento e subserviência, a voz e o corpo que ressoa às suas *ancestras*, e por meio de sua escrita, denúncia a desumanização sofrida pela sua família. Descontenta com o sistema que condiciona as suas *ancestras* a servidão, com o racismo, os privilégios da branquitude, expressa as feridas, angústias e dores, além do seu "amoródio", a tessitura narrativa se faz de coragem e das histórias de suas *ancestras*.

A escrita é o espaço de ruptura que Cuandu encontra para fazer re/existir as suas *ancestras*, através do processo de rememoração, ela as nomeia e reverbera as suas lutas, importâncias e significações. Perpassa por todas elas e as condições de trabalho que as mantiveram à margem da sociedade, silenciadas e muitas das vezes, desumanizadas. É a escrita a carta de alforria, o desabafo e a emancipação, nela não existem estruturas limitantes, tanto que a própria estrutura da narrativa não obedece a um padrão clássico.

Entre reflexões, lembranças, e um diálogo íntimo que, ora se volta para si mesma, ora se dirige a um interlocutor — as “leitoras” —, a narradora transborda aquilo que dói, incomoda, revolta, consome e reverbera na sua existência e de seus familiares. Sobretudo, revela uma experiência compartilhada por muitas mulheres negras, marcada por uma realidade que se inscreve no corpo e se faz sentir na pele.

Palavras-chave: Louças de Família, Subalternização Negra, Literatura Negro brasileira, Mulher Negra.

REFERÊNCIAS

- CUTI. **Quem tem medo da palavra negro**. Porto Alegre: Revista Matriz, 2010.
- DAVIS, Angela. **Mulher, raça e classe**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. - 4. ed. São Paulo:Atlas, 2002.
- MARQUES, Eliane. **Louças de família**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Contemporânea, 2023.